

A IMPORTÂNCIA DA AGROINDUSTRIALIZAÇÃO DOS ALIMENTOS PRODUZIDOS PELOS AGROEXTRATIVISTAS AMAZÔNICOS

THE IMPORTANCE OF AGRO-INDUSTRIALIZATION OF FOOD PRODUCED BY AMAZONIAN AGROEXTRACTIVISTS

Deyvson Pereira Azevedo¹
Dadiberto Pereira Azevedo²
Felipe Addor³

Área Temática 04: Agroecologia, Agricultura Familiar Camponesa e Soberania Alimentar

Modalidade: Artigo Científico

Resumo

Os agroextrativistas possuem a forma de manejo que melhor concilia a produção econômica com a conservação ecológica na Amazônia. Embora tenha importância significativa para a região, a contribuição econômica destes camponeses reduziu a partir do ano de 2019 e passaram a ter que lidar com significativas situações-problema no manejo dos bens da natureza. Por isso, torna-se necessário construir propostas de melhoria econômica conciliada com a forma ecologicamente sustentável que este grupo social criou ao longo dos séculos. Para isso, este texto examina as situações-problema vivenciadas pelos camponeses através da análise da cadeia produtiva do açaí (*Euterpe oleracea*). A partir disso, foi realizado a construção de um cenário de melhoria econômico-ecológica a partir da proposição da agroindustrialização como forma de solução das situações-problema vivenciadas pelos agroextrativistas. O estudo foi realizado com base na *Soft Systems Methodology* (SSM) a partir de dados de entrevistas semiestruturadas. Os resultados apontam que a agroindustrialização pode melhorar significativamente os rendimentos econômicos e representa uma forma de solucionar todas as situações-problema de natureza econômico-ecológica vivenciadas pelos camponeses.

Palavras-Chave: Amazônia, agroextrativistas, agroindústria.

Abstract

Agroextractivists possess a management approach that best reconciles economic production with ecological conservation in the Amazon. Although their role is of significant importance to the region, the economic contribution of these rural workers has declined since 2019, and they have begun to face major problem-situations in managing natural resources. Therefore, it becomes necessary to develop proposals for economic improvement that are aligned with the ecologically sustainable practices this social group has created over centuries. To this end, this text examines the problem-situations experienced by these rural workers through the analysis of the açaí (*Euterpe oleracea*) production chain. Based on this, an economic-ecological improvement scenario was developed by proposing agro-

¹ Doutorando do Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares/IFPA; deyvsonpa@gmail.com

² Doutorando do Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares/IFPA; betoazevedo010@hotmail.com

³ Professor adjunto e Diretor do Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social (Nides/UFRJ). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia para o Desenvolvimento Social (PPGTDS/Nides/UFRJ); felipe@nides.ufrj.br

industrialization as a solution to the challenges faced by agroextractivists. The study was conducted using the Soft Systems Methodology (SSM), based on data from semi-structured interviews. The results indicate that agro-industrialization can significantly enhance economic returns and serves as a means to solve all economic-ecological problem-situations experienced by rural communities.

Key words: Amazon, Agroextractivists, Agro-industry.

1. Introdução

Os camponeses agroextrativistas são os atores que mais conseguem garantir a manutenção de formas de manejo dos recursos naturais conciliadores da produção econômica com a conservação ecológica na Amazônia (Fernandes; Costa, 2016). Os agroextrativistas estão presentes nesta região desde o período colonial como resultado da miscigenação entre descendentes de colonos europeus, índios e africanos ao longo de mais de duzentos anos (Costa, 2012a). Eles manejam simultaneamente recursos naturais em três micro biomas: o mar, a várzea⁴ e a terra firme (Cruz, 2007). Dentro dessa diversidade de recursos naturais utilizados há predominância de recursos florestais não-madeireiros (Fernandes; Costa, 2016) da várzea e da terra firme.

Embora tenha importância significativa para a Amazônia, estes agricultores reduziram sua contribuição econômica de 19% para 14% da renda bruta anual a partir do ano de 2019 (Costa, 2020). Para Costa (2020) o valor da produção dos agroextrativistas reduziu devido não terem agroindustrializado sua produção. Além da redução do valor da produção, emergiu a situação de pobreza extrema sazonal⁵ (Sousa, 2013) que cria insegurança alimentar durante um período do ano, pois os produtores ficam dependentes de uma única atividade produtiva que é o extrativismo do Açaí (Euterpe oleraceae). Além disso, na tentativa de aumentar a produção, os camponeses diminuem a diversidade contribuindo com o aumento dos impactos ecológicos resultantes das atividades produtivas de açaí.

Ploeg (2008) defende que situações como esta podem ser melhoradas através da diversificação da produção, considerada por ele como um mecanismo de recampanização. A principal estratégia de diversificação da produção observada por Ploeg (2008) é a agroindustrialização devido sua implicação na multifuncionalidade produtiva e no aumento do

⁴ A Várzea é uma faixa de terra que sofre inundações periódicas das marés e é composta por solos Gley.

⁵ Refere-se ao período da entressafra do açaí nos estabelecimentos familiares que apresentam baixa diversidade de espécies vegetais ou monocultivo (Sousa, 2013).

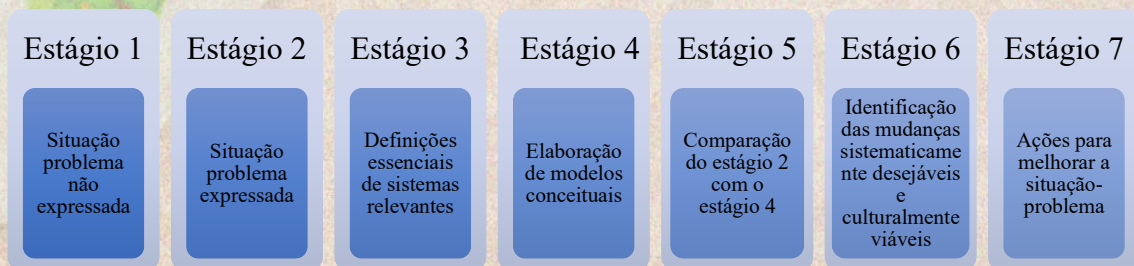
valor agregado dos bens produzidos. Por isso, torna-se relevante verificar que melhorias potenciais nas situações-problema atuais podem ser conquistadas em cenários de agroindustrialização da produção para criação de propostas de melhoria econômico-ecológica. Por este motivo busca-se saber em que medida a agroindustrialização pode superar as situações-problemas vivenciadas pelos agroextrativistas. Além desta introdução, o texto estrutura-se em uma metodologia, seguida de uma seção sobre as situações-problema vivenciadas pelos camponeses. Em seguida, apresenta-se um cenário de agroindustrialização para observar em que medida esta estratégia pode solucionar as situações-problema e, finalmente, concluimos.

2. Metodologia

Para realizar este estudo utilizou-se a *Soft System Methodology* (SSM), uma metodologia comumente utilizada para tratar situações de complexidade que possibilita refletir e sugerir alterações em sistemas de atividade humana (NUNES, 2008). Essa metodologia surgiu em 1972 a partir da tentativa do inglês Peter Checkland em aplicar a abordagem de sistemas *hard* à problemas de gestão. Checkland notou que essa abordagem baseada no “paradigma funcionalista da Engenharia de Sistemas” possuía limitações para esse tipo de aplicação, o que exigiu a criação de novos conceitos sistêmicos capazes de lidar com situações de complexidade, tais como no campo da gestão empresarial testado por Checkland (NUNES, 2008, p. 61).

A metodologia possui sete estágios e permite adaptações para aplicações a diferentes situações de complexidade. Esses estágios estão ilustrados na figura a seguir.

Figura 1 - Esquema representativo dos sete estágios da SSM.



Fonte: Elaborado pelos autores (2025) com base em Nunes (2008).

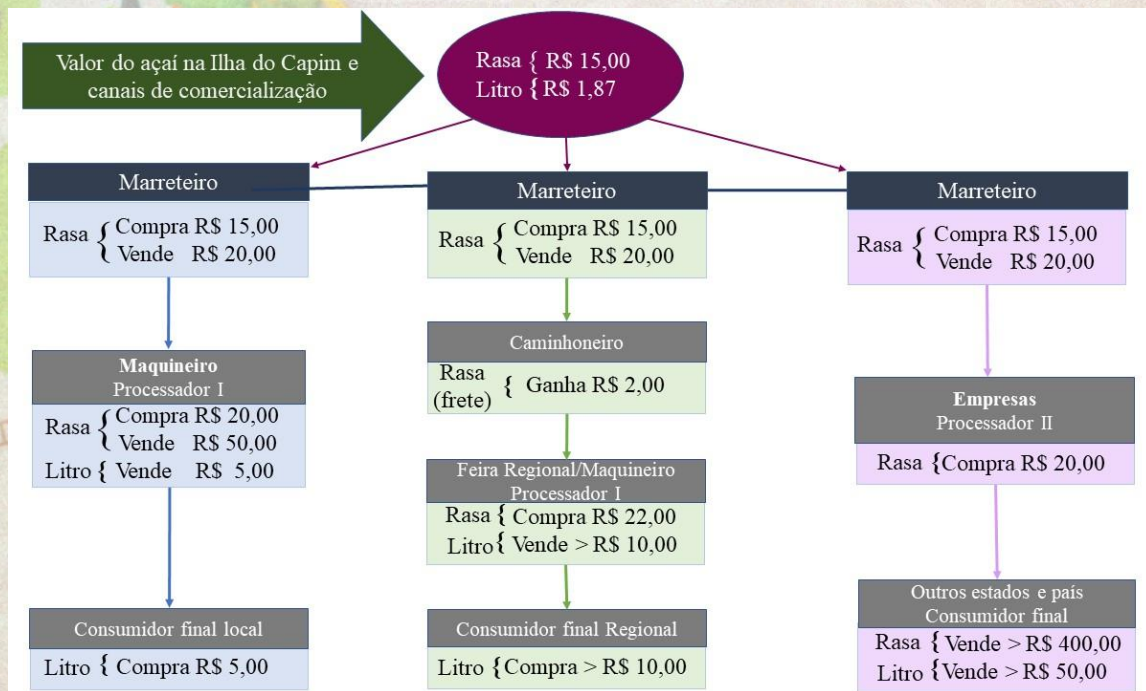
A SSM permite ao pesquisador utilizar somente alguns de seus estágios estruturados, além de considerar a inserção de novos estágios caso haja necessidade durante a realização de uma pesquisa. Ao considerar essas condições de flexibilidade da metodologia, optou-se pelo uso dos estágios 2, 4, 5 e 7 para realizar este estudo. Foram utilizados dados secundários de

uma dissertação de mestrado do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (CDS/UNB) realizada pelo primeiro autor deste trabalho.

3. Situação-problema vivenciada na cadeia produtiva do açaí produzido pelos camponeses agroextrativistas na Ilha do Capim

Nesta seção busca-se distinguir as situações-problema vivenciadas pelos agroextrativistas a partir da análise da cadeia produtiva do açaí. A figura 2 ilustra os diferentes trajetos da comercialização do açaí na Ilha do Capim, apresentando o caminho percorrido desde a comunidade até o consumidor final local, regional e nacional, assim como os diferentes valores monetários ao longo da cadeia produtiva.

Figura 2- Cadeia produtiva do açaí produzido na Ilha do Capim.



Fonte: Adaptado de Azevedo (2019).

Com base nessa distinção dos caminhos percorridos pelo açaí é possível observar diferentes problemas que resultam da forma como está estruturado o circuito de comercialização. As situações-problema principais são a cadeia longa de comercialização, a ausência de agroindustrialização, o baixo valor agregado da produção, a redução da diversidade produtiva, a redução das relações de reciprocidade e a vulnerabilidade econômica no período da entressafra do açaí. Vejamos cada uma destas situações para compreender suas implicações.

3.1 A cadeia longa de comercialização

A primeira situação-problema observada é a estruturação da cadeia produtiva de açaí como uma cadeia longa de comercialização. A figura 2 mostra que o açaí está sendo crescentemente comercializado para outros estados do Brasil. Mais recentemente, o açaí passou a ser comercializado em países da Europa, nos Estados Unidos e na China. A consequência direta dessa situação é o distanciamento cada vez maior entre o consumidor e o produtor que desterritorializa os mercados e dificulta a governança local sobre os benefícios econômicos da produção.

Este processo de desterritorialização dos mercados faz com que o açaí seja crescentemente orientado pelos interesses estrangeiros e os produtores percam gradativamente a autonomia produtiva. Recentemente, as empresas transnacionais de açaí iniciaram um processo de certificação orgânica para controlar os agricultores, aumentar os preços no mercado internacional e responder a demandas socioambientais de consumidores estrangeiros. Dessa forma, o controle do mercado passa a ser crescente dos empresários estrangeiros. Com isso, os agroextrativistas estão perdendo cada vez mais sua autonomia em regular suas transações econômicas.

O menor contato e diálogo entre produtor e consumidor devido às cadeias longas de comercialização, impede o conhecimento do consumidor sobre como ocorre o processo de produção desses produtos e diminui as possibilidades de demandas por outros produtos produzidos pelos agroextrativistas contribuindo com a menor diversificação de produtos e maior especialização da vegetação.

3.2 A ausência de agroindustrialização da produção

Diante deste contexto de cadeia longa com baixa governança sobre os mercados surge uma segunda situação problema: a ausência de processamento da produção dentro do território. Na figura 2 é possível observar que todos os produtos são vendidos in natura (“no caroço”) diretamente para compradores conhecidos como “marreteiros”. A atividade de processamento do açaí produzido na Ilha do Capim ocorre totalmente em agroindústrias fora do território gerido pela lógica empresarial. Como consequência, os produtores de açaí são os agentes da cadeia produtiva que recebem os menores ganhos econômicos quando comparado com os ganhos de todos os demais agentes.

Devido à ausência de processamento e a dificuldade em agregar valor nos produtos produzidos no território, diminui também a oportunidade de trabalho principalmente para os jovens que estão diretamente envolvidos, isso contribui para que abandonem a comunidade em busca de outras atividades, outro desafio é a precarização do trabalho com baixa remuneração em atividades como dos peconheiros e debulhadores que são os responsáveis pela colheita do açaí.

3.3 Redução do valor agregado

A ausência de agroindustrialização, associada à baixa governança sobre os mercados, implica na elevada transferência do valor agregado (totalidade da riqueza produzida no estabelecimento durante um ano) para agentes mercantis dispostos ao longo da cadeia produtiva (AZEVEDO, 2019, p. 74). A figura 2 mostra que o valor médio da rasa de açaí vendido pelos agroextrativistas é de R\$ 15,00 gerando um valor de R\$ 1,87 por litro de polpa. Já no nível nacional uma lata de açaí custa, em média, R\$ 400,00 gerando um valor de R\$ 50,00 por litro de polpa. Logo, a maior parte da riqueza produzida pelo açaí é transferida para os empresários. Azevedo (2019) mostra essa transferência do valor agregado para agentes mercantis externos, principalmente os processadores, ao afirmar que:

Ao longo da cadeia o aumento do valor do açaí industrializado é de 96,98%, e a fábrica se apropria de 95,97% da riqueza produzida pelo produto (AZEVEDO, 2019, p. 109).

Logo, a transferência da riqueza local para agentes mercantis externos é significativa e compromete a renda monetária dos camponeses. Essa dificuldade de aumento no valor da produção ocorre também devido a omissão de informação por parte de alguns sujeitos da cadeia produtiva, principalmente as fábricas que não permitem o acesso à informação sobre os preços do açaí (AZEVEDO, 2019, p. 110).

3.4 Redução da diversidade produtiva

A terceira situação-problema observada é a redução da diversidade produtiva. A comercialização em circuitos longos força os produtores a trabalhar com uma única espécie (o açaí), pois são induzidos pelas demandas do mercado e isso diminui a diversidade existente na localidade. A figura 2 evidencia a amplitude que o mercado do açaí tem alcançado, o que inclui sua comercialização para outros Estados do Brasil e para outros países. Esse fenômeno tem

afetado a conservação de outras espécies, trazendo consequências tais como a maior simplificação da paisagem (AZEVEDO, 2019 p. 22). Na várzea, o manejo intensivo do açáí tem aumentado o desmatamento das nascentes e a erosão (AZEVEDO, 2019, p. 104).

Outro desafio em relação à redução da diversidade é a perda da memória biocultural. Os agroextrativistas desenvolvem várias atividades produtivas e têm profundo conhecimento sobre a diversidade local existente, mas dedica-se crescentemente à atividade produtiva do açáí e desvaloriza as demais atividades, comprometendo cada vez mais a manutenção da diversidade de espécies e dos saberes relacionados a elas.

3.5 A redução nas relações de reciprocidade

A crescente mercantilização do açáí e o controle crescente do mercado por agentes mercantis fora do território provocou a redução de relações de reciprocidade. Isso pode ser percebido no fato dos agroextrativistas não terem atualmente nenhuma experiência de cooperação na comercialização do açáí. A figura 2 explicita as relações mercantis presentes no território e mostra que não há nenhuma organização dos agroextrativistas na comercialização. Essa ausência de cooperação local na comercialização torna evidente a dependência dos agroextrativistas em relação aos marreteiros e a fragilidade das relações de reciprocidade no processo de construção social dos mercados. Essa situação resulta da individualização do trabalho produtivo e do trabalho isolado de comercialização da produção.

Essa individualização torna mais difícil a comunicação entre os agroextrativistas e dificulta a criação de experiência de cooperação na comercialização. Como consequência, esse modelo de organização da cadeia produtiva implica no fechamento da subjetividade dos agentes mercantis que deixa os produtores sem acesso às informações corretas sobre os valores atuais da comercialização dos produtos, dificultando a possibilidade de construção de melhores preços e valorização econômica do açáí. Logo, a organização atual da cadeia produtiva implica na fragilização das relações de reciprocidade necessárias para a criação de formas de cooperação local na comercialização do açáí.

3.6 A sazonalidade e a vulnerabilidade socioeconômica dos agroextrativistas

A crescente dependência econômica do açáí tem implicado na vulnerabilidade econômica dos moradores durante uma época do ano, devido à sazonalidade da produção do

açai (AZEVEDO, 2019, p. 103). Esse fenômeno foi cunhado por Sousa et al. (2013) de “pobreza extrema sazonal” caracterizada por dificuldades econômicas significativas no período da entressafra do açaí. Com isso, emergiu a situação problema da insegurança alimentar no período da entressafra do açaí. Conseqüentemente, a produção de açaí gerou uma contradição pelo fato de representar a principal fonte de renda e ao mesmo tempo o principal problema econômico da comunidade, já que esta:

[...] apresenta sistemas agroextrativistas diversificados, no entanto, o extrativismo e a comercialização do açaí possuem a maior importância econômica em relação às demais atividades produtivas. Porém, a comunidade tem dificuldade para vender este produto, devido a fatores como a definição de preços por atravessadores que criaram associações e diminuíram a concorrência entre eles para impedir a venda dos produtores por um preço melhor. Assim, os agroextrativistas identificam a comercialização do açaí como o principal problema econômico da comunidade (AZEVEDO, 2019, p. 34).

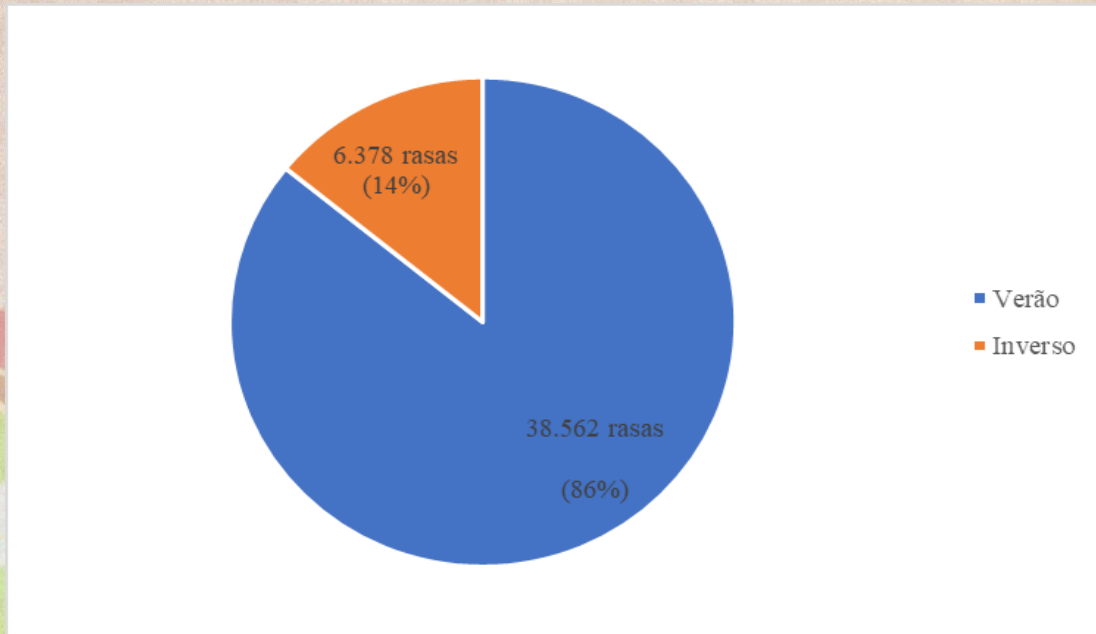
Isso mostra que a situação de venda de açaí in natura em cadeia longa de comercialização, apresentada na figura 2, implicou em elevada importância econômica e ao mesmo tempo em insegurança alimentar, pobreza sazonal e perda da governança sobre o mercado do açaí.

4. Construção de cenário de melhoria econômica com conservação ecológica a partir da agroindustrialização do açaí (*Euterpe oleracea*)

Nesta seção, busca-se observar em que medida a agroindustrialização do açaí pode contribuir para solucionar as situações-problema distinguidas na seção anterior. Para isso, identificamos a produção total de açaí da Ilha do Capim e construímos um cenário de melhoria através da agroindustrialização. A figura 3 ilustra a quantidade de Açaí produzido na Ilha do Capim em rasas⁶ no ano de 2018.

Figura 3: Produção de açaí anual de 88 famílias na Ilha do Capim.

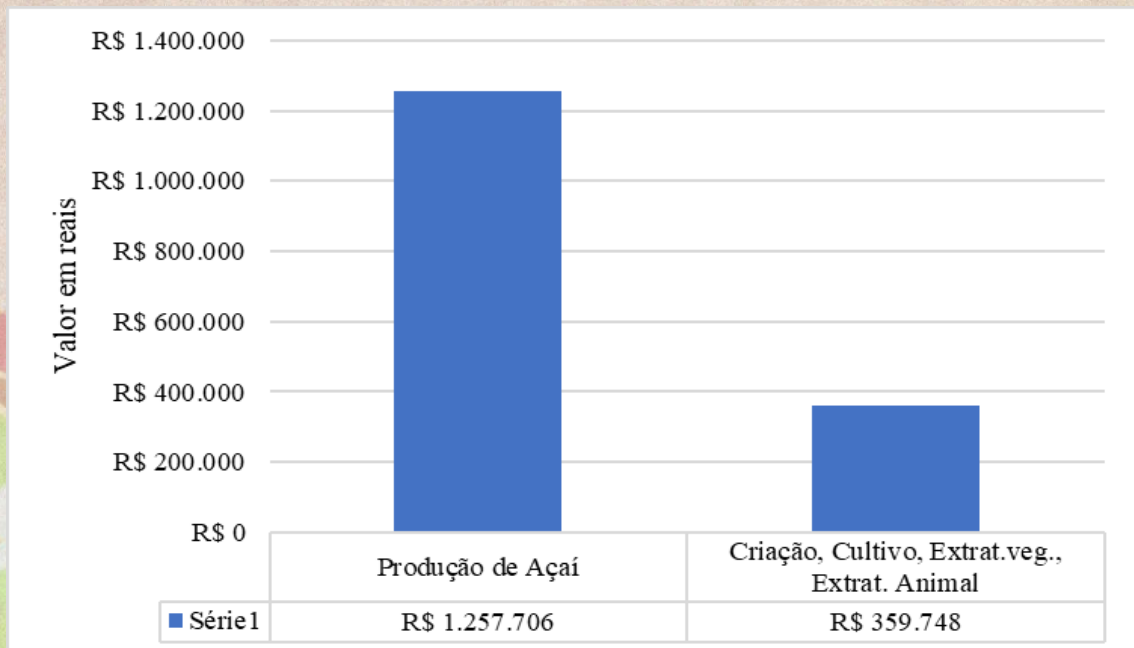
⁶ A rasa é uma tecnologia artesanal de armazenamento de frutos de açaí que também é usada como unidade de medida. Na Ilha do Capim, uma rasa corresponde a 14 Kg de frutos de açaí.



Fonte: Autores (2025) com base em dados de Azevedo (2019).

A figura 3 mostra que a produção de açaí das famílias entrevistadas (n=88) é relevante no “verão” (julho – dezembro) e reduz significativamente no “inverno” (janeiro – junho) como resultado da sazonalidade da produção. A soma total da produção das famílias entrevistadas, considerando os dois períodos do ano, é de 44.939 latas de açaí. A figura 4 mostra que o valor total gerado por essa produção foi de R\$ 1.257.706,00 considerando a média de R\$ 28,00 por lata no ano de 2018.

Figura 4: Soma do valor da renda de 88 famílias obtida através da produção de açaí em 2018, comparado com as demais atividades agroextrativistas (valores em reais).

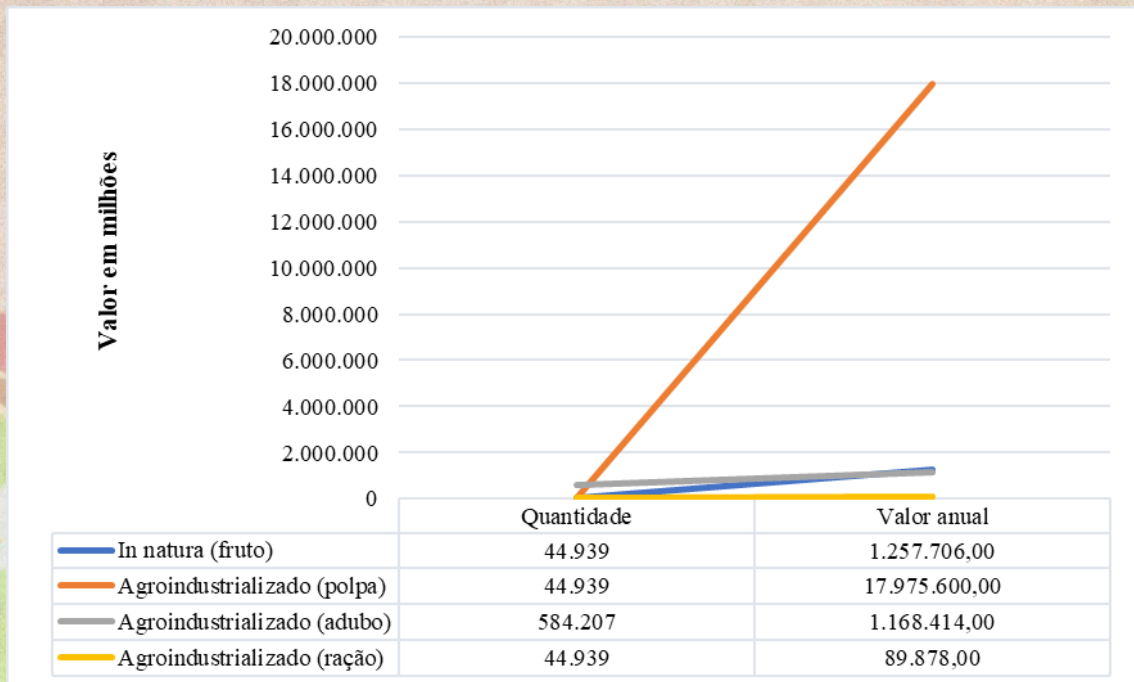


Fonte: Organizado pelos autores (2025) com dados de Azevedo (2019).

Os dados da figura 4 mostram a diferença significativa na renda gerada pela produção de açaí quando comparado com o conjunto das demais atividades produtivas realizadas na localidade, evidenciando a elevada importância econômica que o açaí tem para os agroextrativistas. Mesmo sendo produzido apenas no período menos chuvoso (“verão”), o valor monetário total gerado pelo açaí é maior do que a soma de todas as demais atividades produtivas.

Mas, o que aconteceria com o valor total da produção e que mudanças na situação-problema vivenciada pelos agroextrativistas haveria se ocorresse a agroindustrialização? A figura 5 mostra as mudanças que ocorreriam se houvesse agroindustrialização da produção de açaí.

Figura 5. Cenário de melhoria na produção a partir da agroindustrialização.



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

A figura 5 mostra que, se ocorresse a agroindustrialização da produção, haveria melhoria em todas as situações-problema vivenciadas pelos agroextrativistas na cadeia produtiva do açaí. Vejamos cada uma destas melhorias para compreender suas implicações.

4.1 Agroindustrialização no território

Se o açaí fosse agroindustrializado pela comunidade o processamento agroindustrial seria deslocado de fora do território e passaria a ocorrer dentro do território. O controle dos processadores externos e dos atravessadores seria eliminado e os agroextrativistas poderiam acessar maiores rendimentos de produção. A perda do controle dos processadores externos e dos atravessadores reestruturaria a cadeia produtiva, tornando-a mais curta.

4.2 Circuito curto de comercialização

Como consequência do processamento local, a segunda mudança que ocorreria na cadeia produtiva seria a criação de um circuito curto de comercialização. O açaí seria vendido em polpa predominantemente para o mercado local e regional. Com isso, haveria maior proximidade entre os produtores e os consumidores aumentando a territorialização do mercado, a governança e contribuindo para fortalecer relações de reciprocidade. Segundo Caldart (2012) esse fenômeno pode ocorrer porque o fomento das economias locais e estímulo à proximidade

social (organização comunitária, venda em feiras livres ou redução de intermediários) também podem contribuir no desenvolvimento rural.

4.3 Relações de reciprocidade

A proximidade entre produtores e consumidores gerada pelo cenário de agroindustrialização abriria possibilidades de construção de relações de reciprocidade nas transações econômicas, favorecendo a governança sobre os mercados. A construção de uma agroindústria e o processamento local do açaí possibilitaria a superação da ausência de relações de cooperação na comercialização do açaí. Para Caldart (2012) a agroindustrialização implica em estímulo ao cooperativismo e associativismo, favorecendo as relações de reciprocidade no território.

4.4 Aumento do valor agregado

A terceira mudança seria o aumento no valor agregado da produção. A renda monetária aumentaria dos atuais R\$ 1.257.706,00 vendido in natura para R\$ 17.975.600,00 vendido em polpa, como mostra a figura 5. Trata-se de um aumento exponencial do valor agregado da produção. Caldart et al. (2012) já apontava para essa possibilidade ao afirmarem que as agroindústrias contribuem no desenvolvimento rural em relação à inclusão social contribuindo na elevação da renda familiar no meio rural.

4.5 A diversificação da produção

A quarta melhoria da situação problema seria a diversificação da produção. Seria possível gerar 584.207 Kg de adubos gerados pelos caroços de açaí para os próprios açaizais e 44.939 Kg de ração alternativa para animais com o uso da borra de açaí gerada pelo processamento da produção (Figura 5). Com isso, aumentaria a geração de renda não monetária a partir do acesso a recursos não mercantilizados de produção resultantes do processamento agroindustrial, contribuindo para a autonomia local. Para Eid et al. (2021) as agroindústrias controladas pelos produtores têm grande importância na conquista por autonomia, a diversificação e diferenciação de produtos e serviços e os circuitos curtos de produção (EID, 2021, p. 41).

Com a agroindustrialização, a diversidade pode ser aumentada por meio da diversidade de produtos que serão gerados como resíduos do processo produtivo. Isso fica evidente quando se observa o aumento da produção de bens não mercantilizados (adubos e ração alternativa da borra do açaí) gerados pelo cenário de agroindustrialização (Figura 5). Para Azevedo (2019) esse cenário é relevante porque a melhoria da diversificação implica no aumento das margens de liberdade em relação a agentes externos, tornando possível a maior capacidade de negociação e fuga de relações de dependência através da criação e uso de recursos não mercantilizados.

4.6 Apropriação da riqueza pelos produtores

Como consequência do aumento do valor agregado, haveria maior apropriação da riqueza socialmente criada no território pelos agroextrativistas. Os valores monetários que atualmente são transferidos para agentes externos ao longo da cadeia produtiva passariam a beneficiar os produtores. Com a agroindustrialização haveria uma apropriação de mais R\$ 16.717.894 além dos atuais R\$ 1.257.706,00 acessados pelos agroextrativistas. Esse valor está sendo transferido para os atravessadores e processadores externos ao território. Logo, a riqueza passaria a circular internamente no território, reduzindo sua transferência para agentes fora do território.

4.7 A melhoria na segurança alimentar

Como o açaí faz parte da dieta alimentar local, as famílias ampliam seus custos de alimentação ao comprarem açaí de outras localidades no inverno. Essa situação, em um cenário de agroindustrialização, seria superada pela possibilidade de as famílias conservarem açaí para consumo no período da entressafra através do processamento agroindustrial. Por isso, a sexta melhoria criada pelo cenário de agroindustrialização seria a redução da insegurança alimentar na entressafra. Isso ocorreria porque a agroindustrialização permitiria congelar o açaí para ser consumido na entressafra na própria localidade.

4.8 A melhoria da condição socioeconômica dos agroextrativistas

A sétima mudança seria a melhoria na condição socioeconômica dos agroextrativistas devido a superação da pobreza extrema sazonal. O aumento na renda que ocorreria com a internalização do valor agregado no território e o aumento da diversidade produtiva tornaria

possível haver renda durante todo o ano. Logo, a situação de miséria vivenciada no período mais chuvoso (“inverno”) acabaria porque aumentaria a ocupação e geração de renda.

5. Conclusão

O estudo mostrou que a agroindustrialização representa uma estratégia de significativa relevância para solucionar as situações-problema vivenciadas pelos agroextrativistas. O cenário criado mostrou que todas as situações-problema vivenciadas pelos agroextrativistas na cadeia produtiva do açaí seriam solucionadas com a agroindustrialização da produção. A construção do cenário mostrou ainda que os agroextrativistas não precisam de aumento da produção, mas do aumento no valor da produção atual que pode ser alcançado pelo processamento agroindustrial. Essa situação mostra a necessidade de mudança no olhar das políticas públicas locais: de uma visão produtivista (que é dominante) para uma visão valorizadora dos bens que já existem. Nesse sentido, a valorização por meio da agroindustrialização representa uma estratégia de significativa relevância para a melhoria das condições econômico-ecológicas dos agroextrativistas. Além disso, a agroindustrialização pode fortalecer a forma de vida local contribuindo na sustentabilidade desses territórios melhorando as bases de recursos social e material, diminuindo a pobreza e valorizando o território.

Referências

AZEVEDO, Dadiberto Pereira. A construção social do mercado de açaí para fortalecer a gestão territorial na Ilha do Capim, no município de Abaetetuba no estado do Pará. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Profissional em Desenvolvimento Sustentável (PPG-PDS). Universidade de Brasília, 2019.

BAVA, S. C. Circuitos Curtos de Produção e Consumo. In: BARTELT, D. D. (org). **Um Campeão Visto de Perto: Uma Análise do Modelo de Desenvolvimento Brasileiro**, Rio de Janeiro/RJ: Heinrich-Böll-Stiftung, editora e Gráfica, 2012.

CALDART, Roseli et al. **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

COSTA, F. A. Empresa familiar rural e sustentabilidade na Amazônia: formação e contemporaneidade de camponeses, gestores seculares da biodiversidade. In: SANTOS, C. A. (Org.). **Pequenos negócios: desafios e perspectivas: desenvolvimento sustentável**. Brasília: SEBRAE, 2012a.

COSTA, F. de A. **Ciência, tecnologia e sociedade na Amazônia: questões para o desenvolvimento sustentável.** Belém, NAEA, 2012b.

COSTA, W. M; COSTA, F. DE A. **Estruturas, dinâmicas e perspectivas:** In: Um projeto para a Amazônia no século 21: desafios e contribuições - Brasília, DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2009.

CRUZ, M. de J. M. da. **Territorialização camponesa na várzea da Amazônia.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2007.

EID, F; ADDOR, F; SANSOLO, D. G. **Tecnologia social e reforma agrária popular.** V.3. Marília – Lutas anticapital, 2021.

FERNANDES, D. A; COSTA, F. D. A. Dinâmica agrária, instituições e governança territorial para o desenvolvimento sustentável da Amazônia. **Revista de Economia Contemporânea**, [online]. vol. 20, n.3, pp. 517-51, 2016.

PLOEG, J. D. Van der. **Camponeses e Impérios Alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização.** UFRGS Editora, 2008.

SOUSA, R. P. **Sistematização do programa bolsa verde: reflexões a partir da região Amazônica.** Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB). Belém: Ministério do Meio Ambiente, 2013.

